CISION

Diário de Notícias

ID: 60044830

07-07-2015

Tiragem: 29010
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 20
Cores: Cor
Área: 25,50 x 18,04 cm²
Corte: 1 de 1

Comunidade científica quer melhores políticas para o setor

Manifesto. Encontro reuniu ontem na Gulbenkian cientistas, professores universitários e gestores científicos. Atuação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia foi muito criticada

FILOMENA NAVES

Dar um novo rumo às políticas científicas para que Portugal possa ser uma sociedade baseada no conhecimento foi o mote para o debate O Futuro como Conhecimento, que ontem reuniu na Fundação Gulbenkian cientistas, professores universitários, gestores e líderes científicos de todo o país. A mensagem para os políticos, essa, foi muito clara: o investimento na ciência não pode ser interrompido, as regras de financiamento não podem ser opacas nem irregulares e os decisores têm de restabelecer o diálogo com a comunidade científica. O contrário, sublinharam os participantes, significa perder-se a próxima geração de cientistas e, pelo caminho, perder-se o país.

"O objetivo foi mobilizar o debate, dar a palavra à comunidade científica e lançar estes temas para a discussão, num momento em que as preocupações centrais em Portugal e na Europa são quase em exclusivo as questões financeiras", afirmou ao DN um dos promotores do encontro, Manuel Heitor, professor e investigador do Instituto Superior Técnico e ex-secretário de Estado, entre 2005 e 2011, do antigo ministro da Ciência e Ensino Superior José Mariano Gago, recentemente falecido.

"Há diferentes formas de fazer política científica e nós defendemos um sistema aberto e inclusivo, e não a ideia que tem vigorado no país nos últimos quatro anos que é a de que a formação avançada e a ciência são só para alguns", sublinha Manuel Heitor.

O encontro de ontem surgiu, de resto, da necessidade de contribuir para que haja uma mudança nas atuais políticas científicas no país, de forma a dar continuidade "à visão que Mariano Gago soube concretizar para a ciência em Portugal, e da qual surgiu a geração de portugueses mais formada de sempre e uma comunidade científica internacionalizada", nota o antigo secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Ponto de partida para a discussão foi o Manifesto 2015, da autoria de Manuel Heitor, da historiadora Maria Fernanda Rollo, do presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, António M. Cunha, e dos cientistas João Costa e Alexandre Quintanilha.

Manuel Heitor, antigo secretário de Estado de Mariano Gago, foi um dos promotores do encontro

Publicado na internet há pouco mais de uma semana, o manifesto equaciona linhas essenciais para a construção de uma sociedade do conhecimento, como a aposta na formação avançada e na internacionalização, o investimento no sistema e uma relação transparente com os decisores políticos ou a apropriação pela sociedade dos valores da ciência e da tecnologia, de forma que os próprios cidadãos compreendam e exijam a necessidade desse investimento. "Em apenas uma semana, juntou mais de 500 subscritores, o que foi uma boa surpresa", diz Manuel Heitor.

A aposta que Mariano Gago fez na ciência e na tecnologia, na formação avançada de recursos humanos e na promoção da cultura científica da população, através do Ciência Viva, produziu uma mudança radical no país. "Mas a aposta não está ganha", avisa Manuel Heitor. Ontem, no debate, que se centrou em três grandes temas – recursos humanos, instituições e financiamento –, a ideia ficou clara.

Repetidamente e a várias vozes, os intervenientes enumeraram várias falhas e problemas, como as interrupções e hesitações nos financiamentos à ciência, os bloqueios institucionais e, nos últimos quatro anos, a irregularidade dos concursos para financiamento de projetos, os cortes drásticos nas bolsas para formação avançada e sobretudo uma avaliação do sistema científico por parte da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), concluída no ano passado, que deixou o setor à beira de um ataque de nervos.

Na sua intervenção, a investigadora em malária do Instituto de Medicina Molecular (IMM) e Prémio Pessoa, por exemplo, criticou "o problema de eficácia da FCT", que "executa mal os meios que tem, e que está a piorar".

José Pedro Gil, investigador no Instituto Karolisnka, na Suécia, foi da mesma opinião: "A FCT é a agência de financiamento da ciência, tem de ter uma relação transparente com a comunidade científica e deve estar ao seu serviço, mas depois desta avaliação começa a ser conhecida internacionalmente como uma instituição grotesca."

As consequências da diminuição do financiamento nos últimos anos também já são visíveis, por exemplo na diminuição de doutoramentos em Portugal. "Nos últimos dois anos, pela primeira vez em 40 anos, diminuiu o número de novos doutorandos em Portugal", sublinha Manuel Heitor.

Quanto ao orçamento da FCT, ele "foi reduzido de 500 milhões de euros em 2010, para 400 milhões no último ano", refere Manuel Heitor, uma tendência em contraciclo com as necessidades, já que Portugal, para atingir as metas europeias, terá de duplicar esse orçamento na próxima década.

Daí a necessidade de maior intervenção da comunidade científica, segundo os autores do manifesto. "Se virem as pessoas mobilizadas, os decisores políticos correspondem, e compete-nos, portanto, fazer esse trabalho", conclui Manuel Heitor.